



DECISÃO Veja como a política de nascidos fora do país ou descendentes ajudou nas campanhas de França e Marrocos

A revolução franco-marroquina

MARCOS PAULO LIMA
Enviado especial

Al Khor — O banquete de hoje no antepenúltimo dos 64 jogos da Copa do Mundo do Qatar será servido no Estádio Al Bayt, a tenda erguida no deserto, às 16h (de Brasília). O retrospecto recente de campeões vigentes não indicava a presença da França nesta fase. A performance das seleções africanas também não. Jamais um país daquele continente havia atingido uma fase tão aguda do torneio. Marrocos conseguiu ir além. Apresenta também o mundo árabe e procura mais um tapete mágico capaz de ajudá-la a superar uma potência. Deu sumiço na Bélgica (fase de grupos) Espanha (oitavas) e Portugal (quartas).

Quem testemunha o salto Luiz XV dos gauleses ou a embriaguez de felicidade sem álcool, óbvio,

dos marroquinos em Mshreib, Souq Wakif ou Corniche, três dos cartões postais mais populares do Qatar, tenta entender como as seleções de Didier Deschamps e Walid Regragui se tornaram tão fortes depois de uma sequência más notícias antes da Copa.

A França desembarcou em Doha sem Kanté, Pogba e Benzema, atual vencedor da Bola de Ouro. Havia mais um problema: a maldição de quem defende o título. Campeã em 2006, a Itália foi eliminada na fase de grupos em 2010. Hegemônica na África do Sul, a Espanha caiu na primeira etapa em 2014. Tetra no Brasil, a Alemanha voltou cedo pra casa em 2018.

Candidata a igualar o bi da Itália (1934 e 1938) e do Brasil (1958 e 1962) em edições consecutivas da Copa, a França mantém o sonho porque aprendeu com os erros alheios. A Espanha, por exemplo, levou ao Brasil, em

16h (de Brasília)	Estádio Al-Bayt	Semifinal Jogo único	Transmissão Globo e SporTV
FRANÇA	MARROCOS		
Lloris; Koundé, Varane, Upamecano e Theo Hernández; Tchouameni, Rabiot e Griezmann; Dembelé, Mbappé e Giroud	Bounou; Hakimi, El-Yamiq, Saiss e Mazraoui; Amrabat, Ounahi e Amallah; Boufal, Ziyech e En-Nesyri		
Técnico: Didier Deschamps	Técnico: Walid Regragui		
Árbitro: Cesar Ramos (México)			

2014, 19 heróis do título de 2010. Deschamps optou pela renovação. As lesões em série também desafiaram o técnico a reinventar o elenco. Dos 26 convocados, 10 estavam na Rússia: os goleiros Lloris, Areola e Mandanda; os defensores Pavard e o desligado

Lucas Hernández (contusão), além de Mbappé, Griezmann e Giroud. A fórmula do rejuvenescimento funcionou.

A França é a primeira campeã desde o Brasil, em 1998, a alcançar as semifinais em defesa do título. Deschamps apostou em jogadores

abaixo dos 25 anos. Koundé, Theo Hernández, Upamecano, Dembelé e Tchouameni estão correspondendo. A experiência de Rabiot tem sido fundamental para dar equilíbrio e tranquilidade aos novos pupilos de Deschamps.

Marrocos também precisou tomar decisões antipopulares. A primeira delas, demitir o técnico bósnio Vahid Halilhodzic. Ele implicava com dois dos principais astros da seleção: Mazraoui e Ziyech. Ex-lateral de Marrocos, Regragui assumiu a prancheta, pacificou o elenco e fez da defesa a maior virtude. Sofreu apenas um gol em oito partidas no cargo — três amistosos e cinco partidas oficiais nesta Copa do Mundo. A defesa passou intacta contra Bélgica, Espanha e Portugal, ou seja, três candidatas ao título no Qatar.

A maior sacada, no entanto, é outra. A federação foi à caça de jogadores e até técnico

marroquino nascidos fora das fronteiras do país. Com o mapeamento, conseguiu convencê-los a defender a terra dos pais e avós. Catorze jogadores e mais o técnico têm 15 têm certidão de nascimento de países como Espanha, Bélgica, Holanda, Itália, Canadá e até mesmo na... França!

Romain Saiss e Sofiane Boufal nasceram na terra dos colonizadores. Saiss, em Drôme, no sudeste francês. Começou a carreira como zagueiro nas divisões de base até virar um dos líderes da seleção. Boufal é parisiense. Foi assediado pela França. Ironicamente, um técnico francês o convenceu a escolher Marrocos: Hervé Renard, protagonista do triunfo da Arábia Saudita contra a Argentina na abertura da Copa. A França abriga um "desertor". Guendouzi é descendente de marroquinos, mas defende *Le Bleu*.

TORRE DE BABEL

Semifinalistas têm 34 jogadores nascidos fora do país ou descendentes

15	4	15
nascidos fora do país	nascidos fora do país	descendentes

Marrocos: 15 nascidos fora do país, 15 descendentes

França: 4 nascidos fora do país

Origens dos jogadores:

- Marrocos:** Guendouzi
- Itália:** Cheddira, Marcus Thuram
- Bélgica:** Chair, Amallah, El Khannouss e Zaroury
- Holanda:** Ziyech, Mazraoui, Amrabat e Aboukhal
- França:** Saiss, Boufal, Walid Regragui (técnico)
- Espanha:** Hakimi e Munir
- Canadá:** Bounou
- Guadalupe:** Coman
- Mauritânia:** Dembelé
- Mali:** Konaté
- Camarões:** Saliba, Tchouameni, Mbappé
- Filipinas:** Areola
- RD Congo:** Mandanda, Disasi, Muani
- Guiné-Bissau:** Upamecano
- Costa do Marfim:** Fofana
- Benin:** Koundé
- Angola:** Camavinga
- Martinica:** Varane

Coluna do Mauro Beting



Messiânico

A terça-feira amanheceu com chuva forte. Daquelas de só querer levantar da cama para ver a semifinal histórica entre Brasil x Argentina, Neymar x Messi. Aquela que não vai rolar como as águas do dia.

Doeu demais ouvir o belo hino croata antes de a bola rolar contra os cohermanos. Eram 15h56, horário de Brasília. Eu voltei naquele minuto aos meus 15 anos, quando chorei com o Inno di Mameli antes de Itália x Polônia, no Camp

Nou. A semifinal de 1982. Confesso que quase sempre choro com o belíssimo hino italiano. Metade de minha família veio de lá. Minha sogra, também. Minha avó se chama Itália Roma. Tenho passaporte italiano. Torço pela Azzurra. Mas, contra o Brasil, não. Ainda mais aquele de Telé, em 1982, que perdeu a Copa no Sarriá para Zoff e Rossi, mas conquistou o mundo há 40 anos.

Chorei de novo de tristeza e raiva quando vi a Itália no lugar

do Brasil, naquela semifinal de 1982. Não cheguei a isso, agora. Mas a sensação de que era possível estar lá era gigante. E ainda mais no espetáculo que seria uma colossal semifinal mais para final do mundo do que de Copa contra a Argentina de Messi.

E o Messi do mundo. O que aos 47 do primeiro tempo roubou uma bola na lateral-direita da Argentina. Não só ele joga mais bola que qualquer mortal neste século. Ele, em 2022, quer que ela seja toda albiceleste. Ele doa em Doha o que nunca fez sem a bola pelo time. Quando ele quer, não tem jeito e nem

jogo. Nem para os bravos croatas que, na primeira metade do primeiro tempo, buscaram mais o gol. Bisaram a estratégia contra o Brasil. Não criaram chances. Mas deixaram a Argentina longe da meta croata. Era a estratégia vencedora. Ou empadora de Dalic. Até os 31 minutos. Quando no primeiro contragolpe argentino, Álvarez foi derubado por Livakovic. Pênalti que Messi fuzilou no ângulo.

Aos 38, novo contra-ataque platino. Álvarez pegou a bola ainda em seu campo e partiu sozinho. Foi individualista. O lance era pela esquerda. Mas ele carregou por

dentro até passar por um, e seguir trombando na raça e na sorte. Aos tangos e barrancos ficou na cara do goleiro para fazer 2 a 0. Era muito para o jogo parelho. Era o justo para a Argentina pragmática. Dois gols de contragolpe.

E com Messi como guia messiânico do seu povo. Conduzindo a pelota e o planeta como se fosse dele. E pode mesmo ser. Como foi o lance do terceiro gol. Álvarez de novo. E de velho um lance messiânico. Desde a lateral direita comendo o remédio Gvardiol (um dos melhores zagueiros da Copa) como se fosse eu na zaga. Encantando até quem torce

o nariz contra ele e torce o fígado contra a Argentina.

Se você não viu Maradona ganhando praticamente sozinho a Copa de 1986, saiba e curta que Lionel está emulando El Diez. Pode não ter feito o gol do Barrillete Cósmico contra os ingleses, como El Pibe encantou e conquistou o mundo. Pode não ter tido a mão tinchosa de Deus naquela passada de mão na Inglaterra. Mas o que ele está fazendo pela Argentina em seu último tango de Copas até minimiza a nossa dor por não ter chegado longe. Ou por não ter parado na semifinal diante dele. Messi.